

2. Rio, Segunda-feira, 17 de maio de 1993

# CCBB abre grande retrospectiva de Ivan Serpa

## Wesley Duke Lee brasileiro

O artista plástico Ivan Serpa levou 20 anos para lapidar seu nome na galeria dos mais importantes criadores brasileiros. Pouco conhecido dos consumidores de canapés e habitués de vernissages em geral, este carioca, morto em 1973 devido a um sopro no coração, não era o que podemos chamar de figurinha fácil nos salões de exposição. Prestando o duplo serviço de comemorar os 70 anos do artista e as duas décadas de produtividade, o Centro Cultural Banco do Brasil inaugura amanhã, às 19h, a maior retrospectiva sobre Ivan Serpa já realizada no país. De quebra, o jornal "RioArtes" veicula um dossiê recheado de depoimentos e informações biográficas. Melhor que este, só o catálogo de 100 páginas que o CCBB mandou publicar.

Tudo começou quando Serpa recebeu o prêmio de Melhor Pintor Jovem na I Bienal Internacional de São Paulo (1951). Naquela ocasião, Max Bill trazia ao cenário brasileiro sopros do concretismo internacional. Serpa militou exaustivamente como porta-voz do abstracionismo geométrico, levantou bandeiras para o concretismo e foi visto de rabo de olho por muitas colegas de profissão. Era, assim dizendo, um Wesley Duke Lee. Não um direitoista, e sim um sujeito pouco ortodoxo que fundou o importante Grupo Frente.

A verdade é que, nos imediatos 20 anos em que produziu, Serpa não teve todo o tempo do mundo para calcificar sua arte. Abraçou escolas tão diversas como a abstrata, em fases geométricas e não geométricas, a expressionista e a concretista, tendo flertado ainda com o Pop e com o Op em obras notadamente dinâmicas. O dono do agitado ateliê do Méier cativou cupins em trilhas por folhas de papel, manipulou tintas automotivas e usou suportes industriais enquanto mergulhava em viagens artísticas.

A retrospectiva do CCBB



S/ título (da série op-erótica), 1970. Nanquim sobre papel, 98 x 68 cm.

mostra de uma só tacada diversas fases de Ivan Serpa, desde a fase negra de 1964 até a op-erótica de 1970. A primeira, inclusive, serviu de ilustração para o cartaz da exposição. Segundo o relato do também artista Antônio Manuel no dossiê da RioArtes, "Serpa era um grande observador, que do banco de um ônibus via a vida passar. Daquele laboratório veloz de observação, vinham muitas coisas que ele punha em seu trabalho. Por exemplo, a fase negra". Antônio arrisca que esta surgiu no dia em que Serpa observou, da janela, algumas pessoas sendo agredidas e empurradas para dentro de um camburão policial.

Esta fase data de 1964, e

aparece na cronologia do artista no percurso das séries 'Bichos' e 'Mulheres com bichos', de 1962 a 1965. Para o curador da mostra, Reynaldo Roels Jr., esses desenhos foram produzidos mais para prazer do que para exposição.

Sobre a fase erótica do artista, apresentada em bico-de-pena, ninguém melhor para levantar o assunto que Lygia, a "amante" de Ivan Serpa. "Serpa foi um pai amantíssimo. O filho tossia à noite e ele se levantava para ver, com todo o carinho. Como marido, foi mais que isso — foi um amante. Entre nós havia um verdadeiro namoro."

Cada um vê Ivan Serpa como quer. O padre que rezou a missa de sétimo dia do artista, por exemplo, o definiu como "o pintor que ensinou



Serpa: um militante do abstracionismo

*“Ele era um homem denso e a arte era a vida para ele. Ele não fumava, não bebia, era extremamente regrado. Na arte, não. Na arte, era viciado em tudo. Fez pinturas em grandes escalas, desenhos, objetos, tudo.”*

Antônio Manuel, artista plástico

Deus a pintar”. Nem tão herege, Antônio Manuel se refere a Serpa destacando suas qualidades pessoais: “Ele era um homem denso e a arte era a vida para ele. Ele não fumava, não bebia, era extremamente regrado. Na arte, não. Na arte, era viciado em tudo. Fez pinturas em grandes escalas, desenhos, objetos, tudo”.

Parte desse “tudo” estará à disposição do espectador curioso no CCBB, graças à contribuição de colecionadores e da família do artista. Entre as obras que compreendem a retrospectiva, algumas são peças da Coleção Paulo Lima, do Estúdio Guanabara, da Coleção Ivo Pitanguy e, como não poderia deixar de ser, da Coleção João Leão Satamini. (G.A.)